

Alteração da Disposição Mental I

Eliete Villela Pedroso Horta

Maria Cristina Minicuci

Olga Maria Fontana

Vera Lúcia Furtado Paschoa

Leitura: (“Técnicas para uma alteração da disposição humana em prol da paz mundial” – C. G. Jung, em resposta a uma solicitação da UNESCO, em 1948.) A psicoterapia na Psicologia Analítica visa à alteração da disposição mental.

Jung escolheu, nas palavras originais, “alteração da disposição mental”, ele quis dizer isto. Não quis dizer “alteração da consciência”, porque isto é algo muito dificilmente definível para pessoas leigas. Então ele utiliza, às vezes, aparentemente, expressões que chegam mais perto à mente daqueles que estão lendo. E certamente qualquer alteração que ocorra só vale, como ele vai mostrar, se está consciente. Conscientizar uma alteração, de modo conceptual, só podemos se temos uma adequada disposição mental, para que a gente “conceitualize” – mesmo com palavras simples, em termos simples – aquela alteração que está ocorrendo.

Quantas vezes acontece - no início - que o paciente diz: “Não sei o que está ocorrendo comigo... Eu sinto uma coisa”. Então, não posso dizer “Isto é a alteração da sua disposição mental”, porque só vale a pena isto profissionalmente. Utilizamos - como um conseqüimento - se o paciente também percebe que sua disposição mental está alterada. Ou diz “Não sou mais aquele que era há dois anos”. E se a gente solicita tentar definir ou tentar simplesmente descrever em que forma sente isto, talvez vá eclodir uma fórmula muito bonita. Talvez não vá utilizar as palavras nem “disposição”, nem “mental”, mas vai empregar palavras que correspondem a isto, sem que a gente queira torcer naquela direção ou entendimento.

Agora, se saímos um pouco de sob o contexto da Psicologia Analítica, qualquer tipo de ajuda, qualquer tipo de auxílio que um ser humano tem que dar para outro ser humano, em forma de orientação, conselho, ajuda, apoio - tanto faz as palavras que utilizamos, já que as modalidades são inúmeras – significa sempre uma percepção da sua programação interna. Isto nós dizemos para nós mesmos (profissionais) nesse momento. Porque, em termos junguianos a gente pressupõe que cada um de nós tem uma determinada programação interna. E, se temos certa coragem, podemos até

aceitar que esta programação não se refere apenas à nossa existência atual. Hoje em dia, quando já lidam tanto com “vidas passadas” e assuntos análogos, o fato de que isto emergiu dentro da área da Psicologia indica que temos que lidar com esses assuntos como se fosse uma “realidade psíquica”. Psíquica, não é?

Agora, isso depende das experiências, das vivências; comprovações não são obtidas pelos métodos da ciência mais rigorosa, mais objetiva, nem poderiam ser, porque esse tipo de vida é subjetiva. Então, dentro da nossa subjetividade podemos obter determinadas provas e comprovações. Se a gente traça uma linha através de comprovações, inevitavelmente tem que chegar ao ponto de dizer: se isto ocorreu dessa maneira, ocorrerá também mais adiante, no “futuro”. De certo modo, se certas mazelas, certas colisões, conflitos anteriores tem que ser “neutralizados”, ou “liquidados”, duas coisas são importantes. Primeiro que a gente não crie condições a serem liquidadas, neutralizadas. E, segundo, uma pergunta: há material que ainda tem que ser posto em movimento?

E aqui tem uma ideia muito, muito básica, que podemos encontrar em diversas linhas psicológicas, mas que emergiu na linha não psicológica de Gurdjieff. Ele salientava sempre a importância de “recordar”. Recordar não tanto o passado, mas recordar o fato que estamos dentro de um processo. Agora, cada um, dependendo do interesse, do empenho, deveria delinear o seu próprio processo em diversas formas.

E aqui o nosso conhecimento tem bastante hiatos e não adianta tentar estabelecer uma regra ou esquema. Sem querer criar definições muito rigorosas, porque cada definição, por mais acertada que pareça, depois de certo tempo terá que ser substituída por uma definição ainda melhor. Estamos em uma fase de transição muito acelerada e por isso precisamos cuidar para não falar de modo peremptório, não falar de modo “fixo”, certos conceitos ou certas proposições, mas encarar tudo como um estado fluente.

Então, estamos numa transição, por isso é importante alterar a disposição mental. E por isso tinha que surgir a Psicologia, com as diversas ramificações. Jung sempre aponta: é importante que haja diversas ramificações, porque a psique humana é tão complexa que só uma linha, só uma hipótese, só um conceito, uma conceituação determinada não pode corresponder àquela variedade e diversidade da existência do dinamismo psíquico.

Leitura: Com ela podem ser tratados não apenas as neuroses e psicoses funcionais, mas também todos os possíveis conflitos espirituais e morais de pessoas normais. Predominantemente consiste na integração de conteúdos inconscientes na consciência.

Aqui ele delineava de modo tremendamente astuto e aparentemente de modo inocente, uma grande programação. Podemos introduzir uma diversidade de fatores quanto a conteúdos inconscientes. Essa diversidade depende sempre da experiência das pessoas: ou lidam com dados inconscientes, ou não lidam. Se não lidam, não sabem muito. Se lidam, sabem um pouco mais, uns infelizmente acham que sabem muito e depois levam cabeçadas.

Integrar conteúdos inconscientes na consciência indica também integrar o passado e integrar o futuro. Essa integração, porém – e aqui precisamos cuidar – não necessariamente tem que ocorrer em forma de obtenção de dados. O que é importante é uma elasticidade mental, que está aberta para acolher todas as variações e modalidades, em módulos possíveis, tanto na sua sequência temporal, como também na sua existência atemporal. Porque aqui não devemos nos esquecer do fato que Jung aponta: o inconsciente não jaz dentro do tempo e do espaço. Tem as suas manifestações espaciais e temporais, tanto em termos biológicos, fisiológicos, sociais, religiosos, existenciais, econômicos e podemos enumerar também mais áreas que podem enquadrar-se nesse sentido, mas o que na realidade representa - o cerne – não existe dentro do espaço e tempo.

Por isso, essa alteração da disposição mental tem que acarretar aquela abertura que preconiza - Jung tantas vezes aponta - aquele lado da existência (não só a existência individual, mas a existência coletiva) cujo processo mais íntimo não decorre temporalmente e espacialmente, mas fora do espaço, fora do tempo. Ou, se alguém quer ficar mais cauteloso, num outro espaço e num outro tempo.

Jung fala muito sobre o “tempo elástico”, que cada um de nós pode identificar, quando está acordando e depois adormece e sonha algo muito comprido, e quando acorda de novo percebe que decorreram justamente um minuto e meio. Mas isto não foi Jung que inventou, porque já em “Mil e uma noites” existem sequências de contos a respeito, certamente conhecem.

Leitura: Já que o inconsciente comporta-se, frente à disposição consciente, de modo complementar – ou melhor - compensatório, é de notável significado prático se a disposição da consciência tende demais para um lado, de modo a perturbar o equilíbrio mental. Esse é o caso nas neuroses e psicoses. Os conflitos morais e espirituais de pessoas normais revelam uma perturbação do equilíbrio um tanto diferente, já que os opostos em conflito entre si são conscientes, enquanto nas neuroses a metade oposta na maioria dos casos é inconsciente. Mas mesmo em pessoas normais a

disposição mental apenas em parte baseia-se em motivos racionais e conscientes. Um número notável de motivações - com frequência decisivas - permanecem inconscientes.

Na linha junguiana a gente diz sempre, querendo racionalizar um pouco, que, no caso de conflito, trata-se do confronto entre dois ou mais conteúdos conscientes. É naturalmente outro caso, se através desses conteúdos chamados conscientes - tidos como conscientes -, se atrás desses conteúdos não existem ainda "molas", incentivações inconscientes. Certamente existem. Mas para a pessoa é dessa maneira cognoscível o seu próprio conflito. "Sabe", com outras palavras, com que está se conflitando. Mas no caso da neurose, sabemos que um lado do conflito é inconsciente - existem fatores irracionais - e o outro lado do conflito é consciente (existem razões conscientes). E sabemos que nas psicoses os conteúdos inconscientes, irracionais, ocupam, ou inteiramente ou em grande parte, o campo consciente, a consciência.

*Essas três gradações de perturbações a gente pode sustentar ou pode manter como um modelo, sabendo que é apenas um modelo. Se a gente observa dentro da rotina cotidiana, durante anos e anos de contato empírico com perturbações psíquicas, podemos dizer que em cada conflito existem fundos inconscientes, isto é, esboça-se eventualmente uma determinada neurose e cada conflito e cada neurose contém alguns núcleos psicóticos que talvez eventualmente estejam encapsulados e por isso não se revelam. Mas pela observação dos sonhos, pela observação do comportamento do paciente, pela observação das reações corpóreas - se trabalhamos com o corpo - podemos notar que existem precipitações não percebidas nem percebíveis pelo paciente. **Nós** temos que perceber.*